

Declaração de Atenas

adotada pelos Chefes de Estado participantes no 15.º Encontro do Grupo de Arraiolos

Atenas, 11 de outubro de 2019

A partir de Atenas, o berço e o farol da Democracia e Civilização Europeias, nós, os Presidentes da Bulgária, Croácia, Estónia, Alemanha, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Letónia, Malta, Polónia, Portugal e Eslovénia, no seio do nosso agora habitual encontro anual, repetimos e atualizamos o «apelo à Europa», levado a cabo a 9 de maio de 2019, antes das eleições europeias.

Os resultados das recentes eleições europeias enviaram uma mensagem positiva para o futuro da Europa, na medida em que traduziram um claro espírito pró-europeu, baseado nos valores e princípios fundamentais da União, uma vez que os cidadãos europeus decidiram, em larga medida, confiar nas forças que apoiam a construção europeia. No entanto, é nosso dever continuar e intensificar o nosso esforço coletivo para defender a Unificação e Integração Europeias com base em valores partilhados e orientados pelas seguintes considerações:

A Integração Europeia contribuiu para o alcançar de uma esperança secular de paz na Europa, na sequência da barbárie de duas guerras mundiais, que tiveram origem na colisão das ambições imperialistas e de outras ideologias extremistas. Ainda hoje, não podemos e não devemos tomar a paz, a liberdade e a prosperidade como garantidas. Há uma necessidade imperativa de todos trabalharmos ativamente em conjunto, com o intuito de promover o grande ideal de uma Europa pacífica e unificada.

Os Povos da Europa uniram-se, por sua livre vontade, com o objetivo de formar a União Europeia, baseada nos princípios da Liberdade, da Igualdade, da Solidariedade, da Democracia, da Justiça e da Confiança no seio de e entre os seus Membros. Uma União sem precedentes na história da Europa.

Para muitas pessoas na Europa, em especial entre a Geração Jovem, a cidadania Europeia tornou-se uma segunda natureza. Não há contradição no facto de alguém amar a sua aldeia, a sua cidade, a sua região ou a sua nação e, simultaneamente, ser um Europeu comprometido.

Durante os últimos meses, mais do que nunca, a União Europeia tem enfrentado sérios desafios. É a primeira vez, desde o início do projeto de Integração Europeia, que se ouve falar da inversão de um ou vários passos de integração, tais como a livre circulação de pessoas ou a abolição de instituições comuns. É

a primeira vez que um Estado-membro exprime a sua vontade de abandonar a União Europeia. Em simultâneo, outras vozes sugerem o reforço da integração na UE ou na Zona Euro ou defendem uma Europa a várias velocidades.

Os pontos de vista sobre estas questões podem diferir entre os Cidadãos e os Governos dos Estados-Membros, bem como entre nós, os Chefes de Estado. No entanto, todos concordamos que a integração Europeia e a unidade são necessárias e que queremos promover a Europa como União. Apenas uma Comunidade forte a trabalhar em conjunto é capaz de enfrentar os desafios globais do nosso tempo. Os efeitos das alterações climáticas, do terrorismo, da globalização económica e das migrações não param nas fronteiras nacionais, e o mesmo acontece com uma resposta adequada. Só conseguiremos enfrentar estes desafios com sucesso e continuar o nosso caminho rumo à integração e desenvolvimento económico e social; se trabalharmos em conjunto, como Parceiros iguais, a nível institucional.

Por conseguinte, necessitamos de uma União Europeia forte e inclusiva. Uma União com instituições comuns e partilhadas, uma União que avalie constantemente o seu trabalho de forma crítica e tenha a capacidade de se reformar, uma União baseada nos seus Cidadãos e nos seus Estados-Membros como alicerces vitais.

Esta Europa necessita de um debate político dinâmico sobre o melhor caminho a seguir, tendo por base a Declaração de Roma de 25 de março de 2017. A Europa encontra-se numa posição em que pode acomodar uma ampla variedade de opiniões diversas e ideias inovadoras. O regresso a uma Europa onde os países já não sejam parceiros iguais, mas sim rivais, deve ser combatido, por configurar uma regressão a uma época de interesses concorrentes contrários a um futuro comum e sustentável, num planeta frágil. O encontro deste ano em Atenas, bem como os nossos futuros encontros, o próximo dos quais terá lugar em Lisboa em outubro de 2020, são dedicados ao aprofundamento, alargamento e enriquecimento deste debate.